

**PESQUISA,
EDUCAÇÃO E
CIDADANIA**

Coleção Ciências Sociais

HELENA COPETTI CALLAI
MARISTELA MARIA DE MORAES
ORGANIZADORAS

PESQUISA, EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Percursos Teóricos e Metodológicos



GRUPO DE PESQUISA EM
Ensino e Metodologia em
Geografia e Ciências Sociais



Ijuí
2016

© 2016, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 - Ijuí - RS - Brasil -
Fones: (0__55) 3332-0217
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Alexandre Sadi Dallepiane

Foto da capa: Cristhian Moreira Brum

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado
do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

P474

Pesquisa, educação e cidadania: percursos teóricos e metodológicos / organizadoras Helena Copetti Callai, Maristela Maria de Moraes. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. – 176 p. – (Coleção ciências sociais).

ISBN 978-85-419-0223-6

1. Pesquisa em educação. 2. Fazer pedagógico. 3. Cidadania. 4. Conhecimento. I. Callai, Helena Copetti (Org.). II. Moraes, Maristela Maria de (Org.). III. Título: Percursos teóricos e metodológicos. IV. Série.

CDU : 37.012
316

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

A Coleção Ciências Sociais é um projeto editorial da Editora Unijuí em colaboração com o Departamento de Humanidades e Educação (DHE) da Unijuí, constituindo-se em espaço de interlocução que objetiva problematizar as diferentes dimensões da experiência humana e que são objeto do que se convencionou denominar área das Ciências Sociais, experiência essa que é objeto da pesquisa e da extensão como fazeres da universidade e campo do conhecimento escolar, em especial da Geografia, da História e da sociologia. Destina-se a Coleção a um público leitor dedicado à pesquisa, ao fazer educativo e àqueles todos interessados nessa instigante problemática.

Conselho Editorial

Ivo Mattozzi (Universit  Cattolica di Milano – Itália)
Francisco Florentino Garcia Perez (Universidad de Sevilla – Espanha)
Marcelo Garrido Pereira (Universidad Academia de Humanismo e PUC – Santiago de Chile)
Sérgio Claudino Loureiro Nunes (Universidade de Lisboa – Portugal)
Raquel Pulgarin (Universidad de Antioquia – Col mbia)
Alfonso Garcia de la Vega (Universidad Aut noma de Madrid – Espanha)
Berenice Corsetti (Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Brasil)
Cesar Marcelo Baquero Jacome (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil)
Dirce Maria Antunes Suertegaray (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil)
Helena Copetti Callai (Unijuí – Brasil).
Ivete Simionatto (Universidade Federal de Santa Catarina – Brasil)
Saint Clair Cordeiro de Trindade Junior (Universidade Federal do Pará – Brasil)
Ana Maria Colling (Universidade La Salle – Brasil)
Berenice Rojas Couto (Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul – Brasil)
Edemar Rotta (Universidade Federal Fronteira do Sul – Brasil)
Enio Waldir da Silva (Unijuí – Brasil)
Enrique Serra Padr s (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil)
Giancarla Salamoni (Universidade Federal de Pelotas – Brasil)
Ivo dos Santos Canabarro (Unijuí – Brasil)
Jaeme Luiz Callai (Unijuí – Brasil)
Jussara Mantelli (Universidade Federal de Rio Grande – Brasil)
Ren  Ernaini Gertz (PUC-RS e UFRGS – Brasil)
Walter Frantz (Unijuí – Brasil)

Comit  de Redação

Enio Waldir da Silva
Helena Copetti Callai – Presidente
Jaeme Luiz Callai
Joel Corso
Ivo dos Santos Canabarro
Walter Frantz

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
A PESQUISA COMO PROCESSO FORMATIVO: os caminhos da aprendizagem <i>Helena Copetti Callai, Maristela Maria de Moraes</i>	15
A EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA E A PESQUISA <i>Helena Copetti Callai, Francisco F. García Pérez</i>	23
CAMINHOS INVESTIGATIVOS: a arte da pesquisa <i>Elisabete Andrade</i>	43
ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA INVESTIGAÇÃO ACADÊMICA: crítico-hermenêutica <i>Martin Kuhn, Maristela Maria de Moraes</i>	59
O DIÁLOGO, A FRONTEIRA E O MOVIMENTO NAS METODOLOGIAS CIENTÍFICAS E PEDAGÓGICAS <i>Adriana Maria Andreis, Camila Caracelli Scherma</i>	77
TRIANGULAÇÃO: os multimétodos para o desenvolvimento da pesquisa social <i>Camila Benso da Silva</i>	97
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA NA ESCOLA PRIMÁRIA ITALIANA <i>Cláudia Eliane Ilgenfritz Toso, Beatrice Borghi</i>	113

A PESQUISA COMO PERCURSO DE ANÁLISE PARA PENSAR A GEOGRAFIA DA CIDADE <i>Alana Rigo Deon, Cristiane L. Xavier Hagat</i>	127
O TIPO IDEAL: perspectivas em Max Weber e Zygmunt Bauman nos estudos sociais <i>Edinaldo Enoque Silva Junior, Jenerton Alan Schütz</i>	143
REFLEXÕES ACERCA DO DOCENTE ARQUITETO E URBANISTA INSERIDO EM DISCIPLINAS DE PROJETO ARQUITETÔNICO <i>Cristhian Moreira Brum, Claudia Gaida</i>	159
SOBRE OS AUTORES	171

PREFÁCIO

Sentidos e Razões da Escrita e da Leitura de um Livro

Escreve-se para ser lido. Toda escrita é um convite à leitura. Sem leitura não há razão para a escrita. O ser humano aprofunda e completa a sua existência pela capacidade de se comunicar, de escrever e ler. Escrita e leitura compõem um todo como instrumentos de comunicação, fundado em razões e emoções. Não são atividades neutras. São faculdades e instrumentos constituídos e desenvolvidos no decorrer da História da humanidade pelos seres humanos, de modo coletivo ou individual, por meio dos mais diferentes símbolos, cores ou expressões. Sem escrita e leitura perder-se-ia a história de suas vidas grupais e pessoais. Sem essa escrita não haveria leitura.

A leitura é a arte de penetrar no conteúdo das palavras, dos sinais e símbolos, enfim, de todas as formas de expressão humana. Assim como a escrita, também a leitura tem seus referenciais, que são construídos pelos caminhos da aprendizagem. Ninguém lê do nada. Lê-se a partir de contextos e dimensões históricas. Isso implica um processo de sistematização de vivências e experiências, de saberes e conhecimentos. Isso não pode ser desconhecido como sendo um *fundo* – isto é, os mais profundos caminhos históricos da aprendizagem – sobre o qual se projetam e desenvolvem atividades de pesquisa como processos formativos, que de neutralidade não têm nada.

Você leitora ou leitor tem acesso ao livro *Pesquisa, Educação e Cidadania: Percursos Teóricos e Metodológicos*, que é produto de pesquisas, estudos e discussões realizadas pelo Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais, integrado por docentes pesquisadores e por pós-graduandos, que, desta forma, colocam à leitura e ao debate seus temas e problemáticas, abordados em suas produções específicas, pela sen-

da de seus caminhos e procedimentos de estudo, com o objetivo de pensar as questões teórico-metodológicas da pesquisa em educação. Os textos do livro permitem concluir pela dimensão histórica das pesquisas, no campo da educação, a partir das especificidades de cada problemática abordada. O esforço pela produção de conhecimentos não é neutra, assim como não é neutra a educação. A preocupação em si que motiva e fundamenta uma pesquisa a revela como uma atividade não neutra.

A obra tem, em seus diferentes textos, um núcleo comum: a preocupação com a formação docente e o lugar da pesquisa como atividade agregadora das atividades do processo formativo. O livro nasceu das práticas de pesquisas e atividades docentes de seus autores. Nesse sentido, constitui uma contribuição importante para pós-graduandos em atividades de pesquisa ou à formação de professores, mas não só, especialmente, por trazer diferentes reflexões sobre experiências de pesquisa de seus autores, que revelam seus processos de aprendizagens. Sob esse aspecto, considero sua leitura um caminho de aprendizagem, que vale a pena percorrer, pois não deixa de ser prazeroso viajar pelas *estradas de palavras*, na condição de leitores ou leitoras, descobrindo e captando os sentidos do fazer-se ser humano pelo caminho da construção de conhecimentos.

Livros, especialmente a partir de Johannes Gutemberg, no século 15, constituíram-se em privilegiados meios de comunicação entre os indivíduos e os povos, através dos tempos e dos lugares de vida. Assim, são produzidos como *topos* do pensamento humano, a partir dos quais os horizontes da existência se alargam quase ao infinito, de geração em geração. Talvez essa constitua uma das razões históricas de terem sido, muitos, proibidos ou terem circulação controlada. A partir de Gutemberg foi possível constituir uma possibilidade de rompimento dessas proibições ou controles. Ampliou-se o alcance político do livro e da leitura.

Quando vamos a uma biblioteca, passamos a ser envoltos pelas vozes silenciosas de muitas gerações, pela comunicação de suas existências e de seus pensamentos, de seus sonhos, desejos e angústias. A existência humana entrelaça-se pela escrita e pela leitura, em seus diferentes meios de comunicação, através dos tempos e lugares geográficos, políticos ou sociológicos. Nos livros impressos – precursores dos atuais discos compactos de memória e livros eletrônicos – estão guardadas as vozes dos estados

de espírito de diferentes épocas e as mensagens da humanidade, deixadas pelas experiências dos seus autores. Livros são elos históricos reveladores. Não importa a distância dos intervalos de tempo. Importa a existência e o ser humano tem a capacidade de sua consciência e de expressá-la.

Os seres humanos, de todos os tempos e lugares, convivem, comunicam-se e ligam-se e religam-se pela escrita e pela leitura. A humanidade constitui-se pela comunicação em seus processos de relações sociais. A comunicação humana, assim, é núcleo nascedouro da escrita e da leitura, por meio do qual busca interpretar os sentidos da vida em todas as suas dimensões. Escrita e leitura constituem a possibilidade do contato entre gerações do passado e do futuro, mediante as palavras que, como produtos históricos, contêm a História.

As palavras são produzidas nas relações sociais e, por isso, têm conteúdos dinâmicos, contêm vida. Palavras carregam histórias, experiências de vida dentro delas. As palavras escritas trazem em si o pensamento da humanidade. Pela leitura das palavras torna-se possível ouvir as *vozes do passado* e, por sua escrita, *pode-se falar* aos ouvintes do futuro. Palavras impressas são, por assim dizer, conexões sociais de pessoas, de gerações, de vozes. São como testemunhas que se movimentam e fazem as ligações entre as pessoas, através da História da humanidade, indo muito além da longevidade de seus criadores. São sinais que orientam o passeio pelos lugares da humanidade.

Convido a você leitor ou leitora a um *passeio* atento pelos meandros dos textos deste livro. A leitura é um dos *passeios* que permitem enxergar mais *coisas* e chegar mais perto delas. Permite alargar horizontes e visões. Com certeza será uma leitura que permitirá uma interlocução produtiva, especialmente aos profissionais do campo da educação. Os textos permitem uma *condução crítica* por questões teórico-metodológicas que envolvem pesquisa e educação. Além disso, trazem e revelam como cada autor e autora olha para o seu *mundo de coisas* que os motivam ao estudo, à pesquisa e escrita. Já no século 16 Montaigne escrevia: “O mundo não é mais que um perene movimento”. O mundo como movimento histórico somos nós. É isso que se pode encontrar e ler em cada texto desta obra.

Embora seja de praxe em uma apresentação de livro falar sobre cada texto, entretanto, prefiro dialogar um pouco com você leitora ou leitor a respeito do grupo do qual nasceu o presente livro, aproximando-os do grupo de pesquisa. Trata-se de um grupo, inserido no Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências, que tem em sua dinâmica de organização e funcionamento encontros sistemáticos de planejamento e de avaliação das suas atividades. Na verdade, mais do que isso: esses encontros sistemáticos são parte de um caminho crítico e autocrítico de produção de conhecimentos e de aprendizagens. Tive o privilégio de me fazer presente, por algumas vezes, ainda que por breves momentos, em reuniões do grupo, proporcionando-me, desse modo, a oportunidade de observar o que vai por dentro de um grupo de pesquisa *dos outros*. Observar *coisas* que nos vêm pela curiosidade da observação, de um olhar sobre algo, que nos interessa ou chama a atenção, porém que nos surpreendem por sua manifestação.

Na maioria das vezes, o que queremos observar nos surpreende. A surpresa é um antigo componente de processos de pesquisa. Afinal, os *caminhos de um passeio* – que na língua alemã se denomina por *Spaziergang* e, portanto, evoca certo ar de liberdade e prazer – é um dos processos e formas mais antigas da pesquisa de campo e nele podem existir *coisas não sabidas* por ângulos e manifestações muito diversificadas. O *Spaziergang* tem mais parentesco com férias do que com trabalho, mas é um dos meios mais antigos da pesquisa social empírica.

Na verdade, um passeio pode ser justificado por querer rever *coisas já sabidas* ou ver *coisas novas*. A surpresa está no novo, naquilo que nos espera. A curiosidade nos move e pode levar a conhecimentos e suas oportunidades que, por sua vez, sempre trazem as marcas de pontos de vista: geográficos, culturais, sociológicos e outros tantos, que nos vêm das profundezas da complexidade humana. Em última instância e de certo modo, pesquisar significa ir a essa complexidade, aos lugares dessa complexidade.

Recomendava meu orientador, há quatro décadas, quando ainda não existia a comunicação eletrônica e o *personal computer* com todas as vantagens que isso pode representar para um pesquisador, hoje, que fôssemos aos eventos *dos outros*, aos que envolvessem atividades de pesquisa, para observar suas dinâmicas e, conseqüentemente, descobrir e ver como processos sociais dessa natureza são organizados e funcionam, buscando estabelecer interlocuções. Isto é, prestássemos atenção a sua dinâmica e

não apenas a alguns resultados que pudéssemos recolher e compreender. Fazia parte de um amplo processo de aprendizagem e de familiarização com o mundo da pesquisa. Projetos de pesquisa em si, mas, especialmente, suas publicações, constituem processos formativos e caminhos de sociais de aprendizagens. Afinal, o que restaria do esforço de suas organizações e investimentos de recursos e tempo de vida não fossem as aprendizagens?

Em meus *passaios* ao Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais o que foi possível observar? Foi possível observar que um grupo de pesquisa, além dos conhecimentos específicos de sua área, dos projetos, das metodologias e técnicas, que traçam os caminhos a serem percorridos, e outros tantos instrumentos auxiliares de trabalho, precisa de “amálgama” para consolidar os liames que unem as pessoas que o integram. No caso concreto, um desses liames é o interesse pela educação como objeto de estudo.

O grupo acolhe pessoas de diferentes áreas de conhecimento e práticas profissionais. Assim, além daquilo que caracteriza um grupo de pesquisa, a partir do observado, gostaria de chamar a atenção para outros elementos de ligação entre os membros de um grupo de trabalho, especialmente por se tratar de trabalho de pesquisa. Trata-se dos aspectos associativos e cooperativos, inerentes ao trabalho de desenvolvimento dos projetos. Sem a vivência da associação e da cooperação as metodologias e as técnicas burocratizam as relações. Foi o que aprendi tendo observado, ao longo de semestres, a dinâmica do Grupo de Pesquisa Ensino e Metodologia em Geografia e Ciências Sociais: a importância das relações associativas e de cooperação.

Tudo isso parece tão óbvio e sem nenhuma novidade. A obviedade pode inibir a visibilidade de fatos e processos. A proximidade e a observação, no entanto, permitiram a sua visibilidade. Grupos de pesquisa não constituem apenas processos técnicos racionais e objetivos. Implicam questões que vão muito além disso tudo. Implicam associações e atividades de cooperação. Envolvem relações humanas, emoções, amizades, identidades e compromissos, enfim, razões. Acima de tudo, porém, trouxe à tona a percepção de que um projeto profissional deve ter algo que vai além dos aspectos da “cientificidade” dos procedimentos de investigação: um projeto social de vida, um projeto de sociedade. Sem esses elementos de “amálgama” os liames de conexão e integração de um grupo de pesquisa correm o risco de serem *tragados e sufocados* por relações estereis

de concorrência entre as individualidades que compõem o grupo, ainda que esta seja silenciosa, fazendo assim que a ciência perca o seu sentido humano. A curiosidade de um pesquisador precisa estar *imbuída* de sentido humano, tendo a preocupação com a sustentabilidade da vida. E, assim, essa curiosidade não pode ser envolta por neutralidade.

Nenhuma pesquisa é neutra. Assim como a ciência não é neutra. Não bastam apenas os objetivos dos projetos em si, considerando-se que também nenhum projeto de pesquisa é neutro. A pesquisa exige espírito de curiosidade e esta é constituída, é produzida e, portanto, não é neutra. A curiosidade é também expressão de interesses e necessidades e, assim, é política. Afinal, grupos de pesquisa são compostos por pessoas, por relações sociais de convivência. Lembra Paul Feyerabend que não há um único modo de ver e explicar a realidade que nos *envolve* e que pontos de vista de cientistas podem ser tão diferentes como são as ideologias de diferentes culturas.

Quando se trata de questões sociais, evidentemente, não há neutralidade na escolha do que se vai pesquisar. Uma vez constituída a questão, entretanto, tem-se o desafio da objetividade em seus procedimentos. Esses aspectos, em projetos de grupos de pesquisa, certamente são os primeiros a serem vistos e debatidos, embora se façam presentes ao longo de todo o processo da investigação. Quando, contudo, se trata de processos de aprendizagens escolares, em sentido amplo, isso tudo se torna mais complexo por sua natureza e sentido pedagógico, considerando ser o ensino algo que acontece em processos de relações sociais, que são políticas. Os sentidos pedagógicos de ensino não são neutros.

Em processos de pesquisa facilmente pode ocorrer a não percepção ou se pode dar pouca importância a isso, embora esses façam parte de um contexto histórico, a partir do qual se constrói o caminho de um determinado projeto de pesquisa. Assim, antes de qualquer coisa, o diálogo revela-se como uma questão nuclear em processos de pesquisa. O diálogo deve dar conta das relações sociais em processos de pesquisa. Esse é o sentido prático dos encontros e reuniões de grupos de pesquisa, fazendo-se desta um processo formativo histórico. Boa leitura!

Dia ensolarado de setembro de 2016.

Walter Frantz